

## Editorial RITUALIDADES DA CENA

**Robson Carlos Haderchpek**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4905-6449>

**Luiz Davi Vieira Gonçalves**

Universidade do Estado do Amazonas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6323-7986>

DOI: 10.21680/2595-4024.2024v7n2ID38628

No dossiê “Ritualidades da Cena” buscamos dialogar com autores(as) cuja temática de investigação perpassa questões cênicas relacionadas aos rituais. Nosso intuito é difundir pesquisas da área de Artes Cênicas que dialoguem com os aspectos étnico-culturais, antropológicos, filosóficos, psíquicos, sociológicos e poéticos do rito.

Em meio ao debate decolonial, anticolonial e contra colonial, os rituais são vistos como presença de empoderamento. A partir deles nós nos reconectamos conosco, com os saberes que foram silenciados, demonizados e vilipendiados no processo de colonização. Ainda hoje os ritos desempenham uma função simbólica importantíssima dentro da sociedade, presentes em diversas sociedades culturais permitem que o indivíduo se materialize em diversas qualidades de presença da realidade imanente podendo viver experiências sensíveis, míticas e espirituais.

O teatro e a dança nasceram dos rituais, derivaram de atos simbólicos, míticos e imagéticos da sociedade e ainda hoje se nutrem nessa relação. Ao discutir a ritualidade da cena buscamos evidenciar os saberes advindos da dimensão histórica, anímica, liminar e estética incorporados e/ou potencializados pela cena contemporânea. É esta diversidade que se revela através das discussões propostas neste dossiê.

O primeiro texto que trazemos é *RITOS AFROBRASILEIROS, CORPO E ANCESTRALIDADE: INFLUXOS ARTAUDIANOS COMO PRÁTICA CÊNICO-PEDAGÓGICA NA VOZ ENERGÉTICA*, escrito por Adriana Rolin Lopes Oliveira Ribeiro. No artigo a autora põe em cruzo os escritos metafóricos de Antonin Artaud, as técnicas do Ateliê de Pesquisa do Ator (APA) coordenado por Carlos Simioni e Stephane Brodt, os estudos do imaginário em Carl Gustav Jung e a Mitologia Yorubá, organizada a partir das sabenças do terreiro Ilê Asè Ogum Alakorô. Ao longo do texto Adriana nos apresenta a prática cênica intitulada *Influxos Artaudianos* e os seus quatorze preceitos cênicos.

No artigo *A RITUALIDADE AGBARA ARA: CONFLUÊNCIAS PERFORMÁTICAS DA YÁ ARTISTA NA CENA* a autora Agrinez Melo nos apresenta o conceito de *agbara ara*, que significa “corpo poderoso” em Yorubá. A partir das suas vivências enquanto mulher preta, a autora reflete sobre a necessidade de retomar caminhos ancestrais para a construção de novas epistemologias negro referenciadas nas artes. No decorrer do texto Agrinez nos apresenta a *Poética Agbara Ara*, fundamentada na *Poética Matricial dos Orixás e Encantados* e nos fala sobre a função de *Yá* (mãe) exercida por ela em seus processos de criação.

O texto *RAÍZES: A CORPOREIDADE NEGRA EM CENA ATRAVÉS DO TAMBOR DE CRIOULA* de Gisele Vasconcelos vai nos colocar em contato com a corporeidade negra presente no Tambor de Crioula. Após analisar o processo de criação do vídeo performance “Raízes”, realizado na disciplina de Práticas Espetaculares da Cultura Brasileira, do Curso de Licenciatura em Teatro, UFMA, a autora aponta as confluências entre o Tambor de Crioula e a Performance Negra. Neste sentido, ela identifica os elementos cênico-sagrados que fizeram parte do seu processo de criação.

Gustavo Idelbrando Curado em seu artigo *GIRA CÊNICA: O TEATRO NA ENCRUZILHADA OU A INCORPORAÇÃO DE UM CAVALO BRAVO QUE NÃO PRETENDE SE AMANSAR* compartilha o processo pedagógico da Cia Teatro Documentário cuja encenação se constrói numa perspectiva de encruzilhada,

pautada em Exú. O texto traz um posicionamento estético dos artistas documentaristas contra o projeto de neocolonização presente no capitalismo. Através de gira cênica eles evocam a presença de um bandido chamado Mineirinho, eternizado em um documento de Clarice Lispector no século XX.

Refletindo sobre o processo de criação da obra “Raiz D’água”, Iasmim Alice propõe em seu texto *(AUTO)BIOGRAFIA EM CENA E PROCESSO CRIATIVO: NARRATIVAS DO CONGADO MINEIRO* um mergulho nas festas populares dos congados mineiros. A autora aborda o congado e toda a sua ancestralidade, revelando os elementos simbólicos, gestuais, sonoros, que estimularam o seu processo de criação. Na busca por um processo de criação que evidencie a cultura afromineira Iasmim nos apresenta a sua vivência no Congado e Moçambique de Ibertioga/ MG e faz referência ao saber oral transmitido através de familiares.

Janyelson Firmino Fernandes Barbosa, em seu artigo *PROCESSO DE (RE)CRIAÇÃO ENTRE A VENTANIA DA BIPOLARIDADE E A BRISA DO BUDISMO*, desenvolve uma análise crítico-poética do processo de criação denominado “Espectro”, fazendo-nos pensar sobre a maneira de criar de um ator que vive com o Transtorno Afetivo Bipolar. Ao longo do texto ele traça um paralelo entre o processo vivido por ele e as experiências da autobiografia de Kay Redfield Jamison (1996), psicóloga clínica que também vive com o TAB. Refletindo sobre as poéticas de transformação de si (Quilici, 2015) o autor relata uma experiência com o Centro de Estudos Budistas Bodisatvas de Fortaleza e nos apresenta um caminho de autodescoberta.

O artigo *ENTRE O RITUAL E A CENA: REFLEXÕES SOBRE O CORPO-ENCRUZILHADA* de Jarbas Siqueira Ramos nos propõe uma reflexão sobre as relações entre o ritual e a cena a partir da metáfora corpo-encruzilhada. O texto traz uma argumentação acerca de três elementos que atravessam o corpo no ritual e na cena: o repertório, a performatividade e a espetacularidade. A partir deste ponto o autor sinaliza caminhos para se pensar a relação ética, estética, política e epistêmica dos corpos-encruzilhadas nos rituais ou na cena.

Judson Andrade e Victor Hugo de Oliveira exploraram a relação entre Candomblé, Aparição e Teatro Ritual no artigo *ENTRE CANDOMBLÉ, COTIDIANO E TEATRO: INDDIEGENTE, A APARIÇÃO DE UM CORPO SAGRADO*. Ao longo do texto os autores compartilham os fundamentos do processo criativo da Inddiegente - figura elaborada a partir de experiências pessoais e espirituais. Para eles, o Candomblé, religião afro-brasileira; o Jogo Ritual, metodologia de criação proposta por Robson Haderchpek; e o conceito de Aparição, de Lhola Amira, compõem uma noção de espiritualidade. A existência da Inddiegente rompe com as fronteiras convencionalmente estabelecidas entre o sagrado-profano e expõe as feridas históricas dos corpos negros.

Em seu texto *TEATROS FEMINISTAS: LATINIDADES E RITUALIDADES*, Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra situa o contexto plural que configura o teatro feminista contemporâneo e apresenta um breve cenário das estratégias de alguns grupos cênico-feministas latinos, no que tange às agendas políticas e seus *modos-rituais* de criação e linguagem. Ao longo do texto a autora nos apresenta os trabalhos dos grupos: *Loucas de Pedra Lilás e Totem-PE*, *Capulanas - Cia de Arte Negra-SP*, *CTO - Madalenas-Anastácias-RJ* e *Coletivo Yama*, de Quito-ECU refletindo sobre modelos cênicos hegemônicos de gênero. Partindo de uma mirada político-pedagógica que sorve os teatros feministas Luciana reconhece a importância das ritualidades e dos mitos que nos impulsionam a recobrar as artesanias *bruxoescas* medievais.

O autor Luciano Heidrich Bisol, em seu texto *ISTO NÃO É UM RITUAL: EURÍPIDES EM TESMOFORIANTES* discute os recursos de representação do feminino na obra de Eurípides (c. 484 - 406 a.C.) a partir da crítica teatral encontrada na comédia *Tesmoforiantes* (c. 411 a.C.), de Aristófanes (c. 446 - 386 a.C.). Partindo de uma pesquisa bibliográfica o autor se propõe a identificar o papel da música enquanto elemento mimético para o constructo do feminino na obra euripideana. Na peça *Tesmoforiantes* há um ritual religioso realizado por mulheres na cidade de Atenas, e segundo o autor, Aristófanes utiliza-se dele para discutir a encenação dentro da encenação.

No artigo *ESPAÇO EM TRANSE: CORPOS RITUALIZADOS E CAMPOS DE INVISIBILIDADES NA COMPOSIÇÃO DE UMA AMBIÊNCIA RITUAL*, Saulo Vinícius Almeida se ampara no conceito de *Stimmung* de Gumbrecht para refletir sobre a recepção a partir da especialidade em sua dimensão material. O texto busca ampliar o debate sobre as epistemologias de terreiro, propondo um espaço em estado de transe, composto por invisibilidades que se configuram como agentes ativos que podem alterar os corpos a partir de seu desejo, de sua ética e historicidade. Refletindo sobre o conceito de *Stimmung* o autor visa escapar de uma fruição primordialmente analítica, crítica e distanciada, empregando, por vezes, o recorte da ambiência e em outros momentos, a atmosfera como conceitos fundamentais.

Thazio Menezes e André Luiz Rodrigues no texto *TEATRO, EDUCAÇÃO E BEM VIVER: PRÁTICAS EDUCACIONAIS PARA A SUSTENTABILIDADE*, buscam refletir sobre a importância de se apre(e)nder novas formas relacionais (de organização social, corporal e de práticas políticas) que abarquem um estilo de vida sustentável. Tal proposta é inspirada nos ideais do *Bem Viver* de Alberto Acosta (2019), no *Teatro Ritual* (HADERCHPEK, 2020) e na *Poética dos Elementos* (HADERCHPEK, 2016). Partindo desses referências os autores instigaram o imaginário de alunos e alunas em contextos formais e informais de educação para aferir possíveis caminhos de aprendizagem do sentir, estar, viver em harmonia e equilíbrio consigo mesmos, entre si e o outro, e entre homem e natureza.

O último texto do dossiê, *TRANSMISSÃO DE SABERES NO BARRACÃO* escrito por William Euler Sousa Sá e Gisele Vasconcelos descreve como a manifestação do bumba meu boi os fez chegar ao barracão do boi da Floresta. Refletindo sobre os espaços de iniciativas socioeducativas o artigo discute três aspectos que envolvem o boi da Floresta, localizado no bairro da Liberdade, São Luís, Maranhão: as formas de transmissão de saberes no barracão; o papel do barracão para a comunidade; e o atravessamento do boi nas criações artísticas. Ao longo do texto os autores refletem sobre os saberes populares e

percebem que eles resultam em diferentes formas do fazer artístico-pedagógico.

Seja num contexto de ressignificação simbólica, artística, poética, estética ou pedagógica, a ritualidade se faz presente em muitas pesquisas do campo das artes cênicas. O ritual é um ancestral da ação dramática, ele contém o gérmen da criação simbólica, do princípio mítico e espiritual que a arte contemporânea tanto necessita. Quando discutimos as ritualidades da cena não buscamos apascentar todos os pontos de vista e criar um discurso unânime, mas expor a diversidade e as complexidades inerentes à cena ritualística. Falar de diversidade é trabalhar com a perspectiva da aceitação do outro, do modo de fazer e pensar do outro, e assim ocupar um espaço de discussão política, que precisa ser instaurado no campo das artes cênicas.

Atualmente os estudos sobre ritual nas Artes da Cena demarcam a presença da diversidade cultural existente no território brasileiro. Neste sentido, mesmo historicamente sendo a antropologia e a sociologia o *lócus* central dos estudos sobre ritual, neste momento as artes se tornam um campo fértil para as imersões da prática e estudos ritualísticos. Assim, as Artes da Cena se tornam um local importante para se debater identidade com base nas ancestralidades da prática ritual.

Não podemos continuar fechando os olhos para os saberes que emergem dos territórios, das práticas rituais, dos povos originários, dos povos africanos, dos quilombos, dos terreiros, da cultura popular e das periferias. Refletir sobre o decolonial, sobre o contra colonial ou o anticolonial só faz sentido, se pudermos colocar em evidência ações decoloniais, se pudermos criar espaços de fricção e de debate em torno de modos de resistência que estão para além dos modismos acadêmicos. Refletir sobre as ritualidades da cena nos dá condições de repensar as nossas práticas e propor novos caminhos de pesquisa.